

A educação de cavaleiros medievais em dois momentos históricos: séculos XII e XV

Conceição Solange Bution Perin^{1*} e Terezinha Oliveira²

¹Rua Marechal Deodoro, 530, apto 62, 87030-020, Maringá, Paraná, Brasil. ²Departamento de Fundamentos da Educação, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. *Autor para correspondência.

RESUMO. Este artigo tem por objetivo entender as mudanças educacionais ocorridas com os cavaleiros, entre os séculos XII e XV. Para realizá-lo, selecionamos algumas obras que tratam sobre os dois momentos históricos distintos e o período que permeia as duas épocas. Após fazermos uma análise comparativa sobre a educação cavaleiresca dos dois séculos em questão, concluímos que as transformações sofridas pelos cavaleiros e pela sociedade, de um modo geral, foi um processo resultante das novas relações e dificuldades criadas pelo próprio homem. Com isso, nosso estudo levou-nos a observar que as características que valorizavam o cavaleiro do século XII não eram mais as mesmas que o definiam como modelo de educação no século XV.

Palavras-chaves: educação, Idade Média, romance de cavalaria.

ABSTRACT. The knightly education in the Middle Ages. The aim of this article is to understand the 12th and the 15th knights' educational changes. In order to carry it through some works from two historical distinct times and also the period which intermingles them were selected. After a comparative study of the two cited centuries knightly education we concluded that the changes undergone by the knights were resultant from the new relations and difficulties created by the own men. Therefore, this study led us to observe that the characteristics which increased the 12th century's knights' value were not the same ones which defined them as a model of education in the 15th century.

Key words: education, the Middle Ages, cavalry's novel.

Introdução

O objetivo deste artigo é fazer, em linhas gerais, uma análise sobre as transformações educacionais ocorridas com os cavaleiros medievais entre os séculos XII e XV, períodos estes que consideramos fundamentais para o entendimento da formação da sociedade moderna.

A Idade Média Central foi marcada por transformações que deram características à uma “nova” sociedade, com sentimentos e comportamentos divergentes dos homens medievais.

Dessa forma, para entendermos as mudanças ocorridas na sociedade, de um modo geral, entre os séculos XII e XV, limitamo-nos a fazer um estudo sobre a figura do cavaleiro medieval, pois estes homens ocupavam uma posição social de destaque, o que os tornava exemplos de educação a serem seguidos.

Portanto, consideramos que, ao analisarmos as questões que levaram os cavaleiros a sofrer mudanças de comportamento e consequentemente

de educação, estaremos entendendo a sociedade como um todo e os acontecimentos que permitiram aos homens, pouco a pouco, ter uma nova visão da sua realidade.

Para tanto, propomo-nos fazer uma comparação sobre a educação cavaleiresca, através dos romances de cavalaria *Tristão e Isolda*, escrito por Joséph Bédier, no século XII e *Tirant lo Blanc*, escrito por Joanot Martorell, no século XV, com o intuito de analisar o cavaleiro e suas necessidades nos respectivos períodos, podendo, assim, confrontar os comportamentos sociais entre uma época e outra.

Material e métodos

Para alcançarmos o objetivo da nossa pesquisa, ou seja, termos uma compreensão sobre as mudanças sociais que levaram o cavaleiro considerado em um dado momento histórico como modelo de educação à decadência, buscamos realizar leituras de vários períodos da história. Com a finalidade de fazer uma análise comparativa dos dois períodos históricos, séculos XII e XV, procuramos

um embasamento teórico através de alguns autores que tratam da história a partir do século X, pois, além das obras literárias, *Tristão e Isolda* e *Tirant lo Blanc*, que mostram as dificuldades e os sentimentos do autor que procura entender o seu momento, analisamos, também, algumas obras escritas nos séculos XIX e XX, que discorrem sobre as necessidades dos homens e as questões que levaram a sociedade medieval a sofrer transformações.

Ao lermos obras como por exemplo *História da Civilização na Europa*, de François Guizot (1907) e *História Social e Econômica da Idade Média*, de Henri Pirenne (1973), verificamos que os homens, devido à necessidade de sobrevivência da época, foram aos poucos criando uma forma diferente de subsistência.

Desse modo, as referidas leituras nos deram o entendimento de que, no século XII, os indivíduos estavam, paulatinamente, retomando o comércio e desenvolvendo as cidades, portanto as raízes de um mundo que, após alguns séculos, iria consolidar uma sociedade com costumes e sentimentos divergentes do mundo feudal, estavam lançadas.

Durante um longo período, as duas formas de vida sobreviveram, pois a “velha ordem”, sociedade feudal, tentava, de qualquer forma, sobreviver aos anseios de uma “nova ordem”, a sociedade moderna, que gradativamente mostrava suas intenções e interesses. Os dois mundos, apesar de apresentar interesses distintos, conviveram séculos, lutando pelos seus ideais. As palavras de Guizot são muito significativas a este respeito.

[...] A Europa moderna nasceu da luta entre as diversas classes da sociedade.[...] a luta deixou de ser princípio d'immobilidade, para se tornar causa de progresso; e das relações das diversas classes entre si, da necessidade que tiveram de mutuamente se degladiarem e mutuamente se comporem; da variedade dos seus interesses, e paixões; da necessidade de se vencerem, sem porém nunca o haverem conseguido, de tudo isto nasceu talvez o princípio mais energético e mais fecundo do desenvolvimento da civilização européa. Lutaram sempre as classes; odiaram se reciprocamente; creou-se entre ellas uma profunda hostilidade moral por causa da sua profunda diversidade de situações, d'interesses e de costumes; e apesar de tudo foram sucessivamente aproximando-se, assimilando-se, ampliando-se; em todos os países da Europa nasceu e se desenvolveu um certo espirito geral, uma certa communhão d'idéas, de conveniência e de sentimentos que poudo vencer o antagonismo e a guerra (Guizot, 1907:231).

Essa luta pela sobrevivência fez com que novos valores e sentimentos fossem incorporados à vida cotidiana dos homens. Ao lutar por seus ideais, descobriram uma liberdade individual ainda não

experimentada, ou seja, o comércio criou a necessidade de outros conhecimentos, como as longas viagens marítimas, as descobertas de outras culturas e línguas, a posição dos astros no céu e de toda a natureza de um modo geral.

Todas essas descobertas estabeleceram uma gama de novos sentimentos ainda não vivenciados pelos homens que, por consequência, gerou em todos os indivíduos certa angústia e ansiedade que modificou suas vidas.

Alguns homens que viveram nesse período de transição, entre as incertezas e dúvidas do cotidiano, procuraram escrever sobre as questões do momento, tentando dar uma explicação às necessidades da sua época.

No século XIV, Guilherme de Ockham foi um desses pensadores que analisando a dificuldade instituída na vida dos homens para compreender o seu lugar no mundo, procurou dar um esclarecimento para a vida terrena. Segundo este autor, o homem, devido aos diferentes costumes que estavam sendo implantados na sua vida, tinha que viver por si próprio e não mais submisso às ordens divinas postas pela Igreja.

[...] Aquilo que não é verdade em si, não pode ser conhecido enquanto não for verdade em si. Ora, o futuro contingente, dependendo simplesmente da faculdade livre, não é verdadeiro em si, conforme Aristóteles, não se pode assinalar o motivo por que uma parte é mais verdadeira que outra, e assim ou ambas as partes são verdadeiras, ou nenhuma; mas não é possível que ambas sejam verdadeiras; logo, nenhuma é verdadeira, e consequentemente nenhuma é sabida. Segundo o pensamento Filosófico, esse modo de raciocinar não se aplica senão àquilo que depende da vontade; não vale para o que não provém da vontade, mas decorre simplesmente de causas naturais, como o fato de que o sol surgirá e coisas semelhantes. A razão é que uma causa natural é determinada a uma parte (contradição), nem podem todas as causas naturais ser impedidas senão uma causa livre, pela qual, entretanto, só podem ser impedidas com relação a um efeito determinado, ainda que não a respeito de qualquer efeito (Ockham, 1979:404).

Dessa forma, as questões do momento exigiam uma explicação que pudesse satisfazer a necessidade de conhecimento sobre todas as coisas que eram consideradas naturais, mas que não eram justificadas pela visão real do dia-a-dia dos indivíduos, ou seja, a natureza era considerada como algo intocável, podendo apenas ser contemplada. Isto causava o despertar de fantasias, levando os homens a temer o que não conheciam. A partir do momento em que os homens principiaram a sentir que podiam investigar

o desconhecido, começaram, também, a questionar a ordem das coisas estabelecidas.

A Igreja, na Idade Média, detinha o poder de instrução e de organização tanto política quanto cultural da sociedade, portanto os homens seguiam os seus ensinamentos sem questionamentos, ou seja, a Igreja ditava as regras e a sociedade se prestava a segui-las. Era a forma de organização social do momento.

Ockham é um autor que mostra o embate que já estava sendo travado na época, séculos XIII-XIV, entre Fé e Razão. Os homens do seu período não se contentavam apenas com as explicações divinas, eles necessitavam de experimentações e observações para explicarem suas próprias vidas, em função da transformações sociais que estavam ocorrendo.

O pensamento de Guilherme de Ockham, através de seus escritos, influenciou o seu momento e possibilitou um melhor entendimento do mundo para os pensadores contemporâneos a ele. Ele trata sobre essa questão mostrando que Fé e Razão podiam caminhar juntas, ressaltando que uma não tinha necessidade de interferir sobre a outra, pois o homem possuía o livre arbítrio para decidir sobre os seus atos, mas deveria, contudo, agir conhecendo os mandamentos divinos, a fim de ter uma boa conduta.

[...] nenhum indivíduo poderia ser criado, mas alguma coisa do indivíduo preexistiria, porque ele não tiraria todo o seu ser do nada, se o universal que há nele existisse antes do outro. Pelo mesmo motivo segue que Deus não poderia aniquilar um indivíduo de uma substância sem destruir os outros indivíduos: porque, se aniquilasse algum indivíduo, destruiria tudo quanto é da essência do indivíduo, e por conseguinte destruiria aquele universal que existe nele e nos outros, não ficando portanto aos outros, pois não poderiam permanecer sem sua parte, que é no caso aquele universal (Ockham, 1979:362).

Para Ockham, todos os homens foram criados por Deus, porém deveriam agir pela Razão, olhar o mundo racionalmente e resolver seus próprios problemas, sem a intervenção da Igreja. Segundo ele, Deus fez os indivíduos e deu a eles a liberdade de ação.

Nesse momento da história, as pessoas estavam conhecendo a si próprios. Eles passaram a observar o que, num período anterior, era considerado sagrado e intocável, como, por exemplo, a natureza. Os indivíduos estavam adentrando num “território” até então reservado, e consequentemente estavam adquirindo uma liberdade de ação que gerou a liberdade de pensamento e de todas as questões referentes à humanidade.

Devido às transformações que perpassaram séculos e levaram os homens a ter necessidades de sentimentos e de um procedimento moral que diferiam da vida dos feudos, no século XV, um novo comportamento social já estava predominando, o homem procurava olhar a realidade sem a fantasia e a imaginação da Idade Média.

Pudemos perceber claramente essa visão racional do mundo que, aos poucos, foi sendo incorporada à vida das pessoas, na obra *Tirant lo Blanc*, escrita no século XV, por Joanot Martorell. O cavaleiro Tirant, personagem principal do romance, já mostra uma outra forma de comportamento e de pensamento, diferente do cavaleiro do século XII, constatado através da obra *Tristão e Isolda*, ao fazermos uma análise comparativa sobre os dois momentos da cavalaria e, por conseguinte, das transformações educacionais.

Observamos que o cavaleiro, no século XII, merecia destaque pela sua audácia¹. Ele não media esforços para defender o seu povo e enfrentar os perigos. No século XV, percebemos uma mudança significativa de sentimentos e de comportamentos, pois o cavaleiro, que outrora se mostrava audacioso, passou a refletir mais sobre suas ações e calculá-las melhor.

Pudemos chegar à essas conclusões através de várias leituras realizadas com a finalidade de nos inteirmos sobre as questões que perpassaram entre os séculos XII e XV e que levaram a sociedade a sofrer grandes transformações sociais, provocando a decadência do cavaleiro. Duas obras historiográficas merecem especial destaque ao abordar o momento histórico: *História da Civilização na Europa*, de François Guizot e *História Econômica e Social da Idade Média*, de Henri Pirenne.

François Guizot escreveu no século XIX, fazendo um estudo sobre a Idade Média. Para tanto, ele procura explicar as questões que considera fundamentais para o desenvolvimento da civilização européia, pois, segundo ele, os grandes acontecimentos da história foram decorrentes de lutas travadas pelos homens para alcançar os seus ideais.

Guizot afirma que os homens medievais, para conseguir seus objetivos, precisaram travar intensas guerras. Precisaram destruir as “barreiras” existentes,

¹ O historiador Georges Duby, em sua obra *Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo*, revela o cotidiano dos cavaleiros dos séculos XII e XIII. O autor faz uma discussão sobre a audácia dos cavaleiros nos seus combates e a fidelidade com seu povo “Sua função, seu dever para consigo mesmo, para com o senhor a quem servia e ainda para com todos os homens da “família”, consistia, como afirma o autor da *História*, em conquistar apreço”- quer dizer, o renome de valentia – e honra” (1995:117).

consolidadas pelos principais elementos da Idade Média, como a Igreja e a nobreza.

Para entender todos esses movimentos da sociedade e os elementos que contribuíram para uma organização social, Guizot explica como se constituiu a civilização européia.

Historia é também a parte que usamos chamar de philosophia da historia, as relações dos acontecimentos, o laço que os une, as suas causas e os seus resultados; tudo isto são factos; constituem a historia, tanto quanto as narrações de batalhas e dos acontecimentos visíveis. É fora de duvida que estes factos são mais difficeis de estudar; é n'elles mais frequente o engano; é custoso animal-os, apresental-os com fórmulas claras e vivas. A sua natureza porém, não se altera por causa d'estas difficuldades: apesar d'ellas, formam parte integrante da historia.

A civilização, meus senhores, é um d'estes factos. É um facto geral, fora do alcance da vista, complexo, e confesso mesmo que muito difficil de descrever e de narrar, mas que nem por isso deixa de existir e de ter direito a ser descripto e narrado (Guizot, 1907:28).

Segundo o autor, todos os fatos que aconteceram na história dos homens no Ocidente referem-se à civilização. Para ele a civilização é o ponto principal para iniciar um estudo sobre a história, ou seja, é o fato geral que permeia todos os outros.

Não é possível, de acordo com o autor, estudar todas as civilizações, mas ao estudar alguns povos, pode-se entender a civilização de um modo geral, pois a humanidade teve um destino geral.

Guizot mostra que as crises que a história da humanidade passou, tiveram como causa as divergências entre o desenvolvimento social e o individual, ou seja, conforme a humanidade se propagou socialmente os homens buscaram um desenvolvimento individual que, muitas vezes, não condizia com as relações sociais do momento.

Sabe-se que, persuadidos os homens de que o melhoramento do estado social é prejudicial ao progresso interno dos indivíduos, ficará desacreditada ou enfraquecida a revolução que se está produzindo na sociedade. Por outro lado sabe-se que, promettendo-se aos homens o melhoramento da sociedade como consequência do melhoramento individual, a sua tendencia é crer n'esta promessa, e d'isto muito se aproveitam os reformadores (Guizot, 1907:42-43).

Guizot mostra o sentimento de ambição que fazia parte do homem. A preocupação da classe dirigente não era com a sociedade como um todo, mas consigo mesma, com seus interesses.

As promessas realizadas pelos indivíduos que compunham a classe dominante se manifestavam em uma preocupação geral com a sociedade, mas, na

realidade, o interesse era individual, resolvendo em princípio, seus próprios problemas.

Dessa forma, esses elementos serviram como fundamento e direcionamento para os indivíduos, porém os homens foram, paulatinamente, criando necessidades que visavam a outros caminhos, discordantes dos que lhes eram propostos.

O dever, e talvez o merito especial da nossa epoca, é reconhecer que todo o poder intellectual ou temporal, de governos ou de povos, de philosophos ou de ministros, que todo o poder humano, seja qual for a sua esphera e a sua causa, tem em si mesmo um vicio natural, um principio de fraqueza e de abuso que o limita necessariamente. É tão somente a liberdade geral de todos os direitos, de todas as conveniencias, de toadas as opiniões, a livre manifestação de todas estas forças, é só este systema, repito, que pôde encerrar em seus limites naturaes a cada força, a cada poder, que pôde impedi-lo que usurpe sobre os outros, deixando assim que o livre exame subsista verdadeiramente e em proveito de todos (Guizot, 1907:190).

A sociedade, por conseguinte, começou a questionar os conhecimentos que até o momento, séculos XII-XIII, haviam sido considerados verdade absoluta. Os homens procuraram novas descobertas e interpretações da realidade, provocando grandes revoluções humanas, levando os homens feudais a sofrerem grandes mudanças educacionais, políticas e econômicas, que culminaram na formação da sociedade Moderna.

Como afirmara Guizot, todos os elementos, todos os fatos que ocorreram para a formação da civilização na Europa foram necessários, pois é através dos movimentos e dos acontecimentos provocados pelo homem que estes se organizam. A busca pela solução dos problemas desperta nos indivíduos a necessidade de um nova relação, que na maioria das vezes resultou em novos problemas a serem solucionados. Segundo Guizot, este é o movimento da humanidade.

Conforme o homem se transforma, produz mais conhecimentos para si próprio e para a sociedade, pois a ansiedade de descoberta e de soluções para o seu cotidiano gera invenções, ou seja, instrumentos para um possível aperfeiçoamento das suas necessidades. Ao fazer isto, os homens desenvolvem novos comportamentos que, aos poucos, são incorporados a toda sociedade.

Desse modo, a partir das formulações de Guizot acerca das ações humanas, das mudanças comportamentais provocadas por estas ações, podemos observar a forte influência que as transformações econômicas produzem nas sociedades e, especialmente na sociedade medieval a partir dos séculos XII e XIII. A obra de Henri

Pirenne, *História Econômica e Social da Idade Média*, traça para nós um perfil desta influência.

Pirenne inicia sua obra discorrendo sobre o renascimento econômico da Europa Ocidental, a partir do século XI. Para tanto, o autor retoma alguns fatos do período anterior, considerados importantes para se entender o ressurgimento do comércio.

Segundo ele, a Europa ficou bloqueada alguns séculos para o comércio, mas a insistência de alguns mercadores fez com que a troca de mercadorias continuasse sendo realizada.²

A irrupção do Islão na bacia do Mediterrâneo, no século VII, fechou o dito mar aos cristãos do Ocidente, mas não a todos. Somente o mar Tirreno tinha se transformado em um lago muçulmano; o mesmo não se deu, entretanto, com as águas da Itália Meridional, nem as ondas do Adriático e do mar Egeu (Pirenne, 1973:21).

No Império Bizantino, o avanço do Islão interrompera, repentinamente, a evolução econômica. A navegação marítima continuava fomentando um comércio importante e abastecia cidades povoadas por artesãos e mercadores profissionais. Não se pode imaginar um contraste mais patente do que existia entre a Europa Ocidental, em que a terra era tudo e o comércio nada, e Veneza, cidade sem terra e que vivia unicamente de seu comércio (Pirenne, 1973:22).

No período feudal, a terra era o meio de subsistência para o homem e representava riqueza e poder. Com o desenvolvimento do comércio, a economia começou a se modificar. O lucro comercial passou a ser o novo ideal para os indivíduos e tudo que se criava era voltado para o comércio.

Esse grande movimento econômico e conseqüentemente social mudou a forma de as pessoas se organizarem a fim de conseguir realizar seus objetivos. Influenciou, também, o pensamento dos homens, que passaram a ver o comércio como única fonte de sobrevivência.

A imigração do campo para as cidades nascentes e a constituição da classe nova de mercadores e dos artesãos que apareciam na mesma época, tornar-se-iam incompreensíveis sem um aumento considerável do número dos habitantes. E tal aumento é ainda mais notável a partir do século XII, e prosseguirá sem interrupção até fins do século XIII.

Disto se originam dois fenômenos essenciais: de uma parte, o povoamento mais intenso das regiões mais antigas da Europa; de outra, a colonização, por emigrantes alemães, das regiões eslavas situadas à

margem direita do Elba e do Saale. Por último, a crescente densidade da população e sua expansão exterior, coincidem com uma profunda transformação da sua situação econômica e da sua condição jurídica. Com maior ou menor rapidez, segundo as regiões, iniciou-se uma evolução que, mau grado a variedade dos detalhes, não apresenta a mesma direção geral em todo o Ocidente (Pirenne, 1973:74).

Desse modo, podemos verificar que, conforme os indivíduos foram se organizando em determinadas regiões da Europa Ocidental, variou a forma de eles estabelecerem suas vidas, no sentido de que, em alguns lugares da Europa, o comércio estava mais desenvolvido que em outros países.

Entretanto, as relações sociais produtivas foram universais, o comércio, aos poucos, se expandiu universalmente, embora o desenvolvimento econômico, social, político e intelectual variasse nas diversas localidades. Pirenne, em sua obra, explica as relações comerciais das regiões européias mais desenvolvidas do período.

É indubitável que, no século XIII, a maior parte dos mercadores que se dedicavam ao comércio internacional não possuíam um grau de instrução bastante elevado. Talvez se deva, em grande parte, à sua iniciativa, a substituição do latim por línguas vulgares nos documentos privados. Em todo caso, é sumamente notável que a dita substituição se tenha iniciado nas regiões mais adiantadas por seu progresso econômico: a Itália e Flandres. Sabe-se que à segunda pertenceu o jôro mais antigo que se redigiu em francês. Na Itália, a prática da escrita estava inteiramente mesclada à vida comercial pelos mercadores que a escrituração dos livros parece ter sido, se não obrigatória, pelo menos muito geral no século XIII. No começo do século XIV, difundira-se por toda a Europa (Pirenne, 1973:130).

Devido ao comércio, os homens sentiram a necessidade de aprender uma forma de se relacionar com outras culturas, isso levou-os a conhecer outras línguas, adquirir uma “nova educação” para conviver socialmente, instruírem-se para administrar suas riquezas e outros comportamentos necessários à convivência social.

Dessa forma, o renascimento do comércio propiciou o desenvolver de grandes transformações que foram, aos poucos, tornando-se cada vez mais significativas e que acabaram, assim, expressando a consolidação do mundo moderno.

Após fazermos considerações gerais sobre as transformações dos séculos XII ao XV, com o objetivo de entendermos as causas que provocaram as mudanças de comportamento da sociedade medieval deste período, passaremos, agora, a considerar dois romances de cavalaria que mostram a

² Sabemos o quão esta obra de Pirenne foi criticada por inúmeros medievalistas, especialmente a sua tese sobre a origem do mundo medieval, entretanto julgamos que suas formulações sobre o renascimento do comércio ainda são válidas e atuais.

educação cavaleiresca dos séculos XII e XV para podermos comparar a distinção entre os dois momentos históricos propostos.

A obra de Joseph Bédier, *Tristão e Isolda*, revela o cavaleiro do século XII. O cavaleiro desta época apresentava características destacáveis, perceptíveis a toda sociedade, porém ainda eram qualidades tímidas, receosas de serem afloradas e assumidas com segurança, pois suas atitudes, apesar de ser admiradas por todos, eram observadas e, muitas vezes, ordenadas pelo seu Senhor.

Portanto, o cavaleiro do século XII mantinha um comportamento submisso³, muitas vezes inseguro e ao mesmo tempo forte, demonstrando fidelidade e honestidade ao cumprir seu dever.

Tristão foi um cavaleiro desse período e retrata através do seu personagem a coragem e a audácia que tinha o cavaleiro do século XII. Ganhar as batalhas e defender seu povo era questão de honra. Independentemente do perigo a ser enfrentado, eles lutavam e expunham seus corpos diante das armas. A valentia e a dedicação desses indivíduos encantavam multidões que procuravam, em seus heróis, o modelo de homem a ser seguido.

A paixão era um forte sentimento dos homens daquela época. Tristão amou em demasia a princesa Isolda que era casada com seu tio, Marcos. Apesar de ter sido um excelente cavaleiro e cumprir corretamente sua missão, não conseguiu conter o amor que nutria por ela.

O autor do romance, Joseph Bédier, em nenhum momento coloca o personagem Tristão como desleal, pois o sentimento incontrolável que ele e a princesa devotavam um ao outro era devido a uma poção mágica que ambos tomaram. Todavia, ressalta que o comportamento de Tristão era similar ao dos demais cavaleiros de outros romances de cavalaria.

[...] Como homem cortês e bem-educado, deitou a poção na taça e estendeu-a a Isolda, que bebeu até se faltar. Quando ela pôs a taça ainda meio cheia, Tristão pegou nela e esvaziou-a até a última gota. Quando Tristão sentiu o amor apressar-se do seu coração, recordou-se imediatamente do juramento feito ao rei Marcos, seu tio e seu suserano, e quis recuar – “Não – dizia consigo mesmo sem cessar –, deixa isso, Tristão, volta a ti, não acolhas em ti um designio tão desleal (Bédier, 1990:48).

³ Georges Duby em sua obra *A sociedade cavaleiresca* discute as origens da cavalaria e a posição de subordinação ocupada por essa ordem, no século XII. O autor destaca, principalmente, as regiões do reino da França. “De fato, por todo o século XII, o vocabulário jurídico continua a distinguir claramente, nessas regiões, um “nobreza”, identificada com a verdadeira liberdade, de uma cavalaria que é considerada como nitidamente subordinada” (1989:27).

No romance, Bédier discute vários sentimentos que faziam parte da vida dos homens como, por exemplo, o ciúme, a vingança, a traição, a ambição de poder e o amor. Este, sem dúvida, era o que conseguia levar os homens a realizar seus objetivos, sem temer nenhum perigo.

O autor mostra um cavaleiro submisso às ordens do rei, pois apesar de este ser uma figura importante na Idade Média, em geral, não tomava decisões importantes sozinho, sempre solicitava a opinião do conselho, composto pelos barões que estavam sempre a sua volta. Quaisquer que fossem os assuntos em questão, estes eram consultados.

Em geral, nesse período, os cavaleiros eram homens fiéis, corajosos e protetores de seu povo. Todas essas qualidades destacavam-nos dos demais, fazendo-os ter um reconhecimento social.

Bédier, através do personagem Tristão, descreve como era o cavaleiro do século XII e o cotidiano da vida dos homens da Idade Média, os seus costumes, os seus ideais, proporcionando-nos uma idéia da sociedade daquele momento. Ele procura descrever a importância e os mistérios das florestas, as construções dos castelos, as diferenças sociais e a importância do comércio, pois, através deste, os nobres conheciam e adquiriam mercadorias estrangeiras que os tornavam ainda mais importantes.

Sire, somos mercadores e transportamos as nossas mercadorias de terra em terra para ganhar dinheiro. Carregamos o navio na Bretanha e queríamos atingir a Flandres, mas ventos contrários empurraram-nos para aqui. Disseram-nos no porto que as mercadorias se vendiam bem neste país. Se obtivermos de vós autorização para vendermos o nosso vinho, o nosso queijo e os nossos tecidos, ancoraremos a nossa nau e faremos comércio com os vossos súditos (Bédier, 1990:30).

O comércio principiava a fazer parte novamente da vida do homem do século XII. Os indivíduos faziam com que suas mercadorias circulassem e conseqüentemente conheciam outros lugares, outros povos e outras culturas.

Um homem bem educado e com costumes que o diferenciavam dos demais era motivo para admiração e observação de todos.

[...] Tristão pegou a faca que o monteiro lhe estendia, ajoelhou-se, esquartejou o animal e depois retirou-lhe o focinho, a língua, os órgãos masculinos e a veia do coração. Os caçadores e os seus laiaos, inclinados sobre ele, observam-no, surpreendidos e encantados. “Sabes belos costumes – disse o monteiro. – Em que terras os aprendeste? Pego-te, diz-nos o teu país e o teu nome. “Chamam-me Tristão e aprendi estes costumes no reino de Leônis.” [...] Tristão ensinou-

lhes então como deviam andar dois a dois para cavalgarem em boa ordem, segundo a nobreza dos pedaços de carne que cada um levava, dispostos em forquilha de madeira (Bédier, 1990:12).

O referido romance mostra o comportamento dos homens do século XII. Eram indivíduos que sonhavam em servir os seus Senhores, com muita fidelidade e presteza. Aquele que se tornava cavaleiro era, sem dúvida, um homem que se diferenciava dos demais pelo seu comportamento distinto. No entanto, em alguns momentos, esse destaque despertava sentimentos de ciúmes e inveja, pois todos almejavam uma posição relevante na sociedade.

A coragem de enfrentar lugares misteriosos e temidos enobrecia ainda mais esses homens. Por exemplo, a floresta na Idade Média tinha um encantamento especial, uma vez que era sinônimo de grandes perigos. Os caçadores aventuravam-se nela, mas até um certo ponto, pois não se atreviam adentrá-la profundamente.

Tristão e Isolda ousaram entrar na floresta para se refugiar, não temeram os perigos que, até então, eram considerados mortais. Viveram na floresta por mais de dois anos e nada de mal lhes aconteceu. “A rainha sente-se subitamente cansada de todas as proações que atravessou; o sono apodera-se dela e adormece, a cabeça apoiada no braço de Tristão. Viveram assim muito tempo, com duro frio, sol ardente, chuva e vento, na profunda floresta” (Bédier, 1990:91).

Bédier, ao mostrar os amantes refugiados num lugar temido e respeitado por todos, estava expondo o contato do homem com a natureza. Os indivíduos estavam iniciando um processo de interpretação da natureza, um sentimento de descoberta e não apenas de contemplação como eram as regras sociais até então. Na busca de condições para sobrevivência, os homens obrigavam-se a transformar o que consideravam indispensável para satisfazer suas necessidades.

As mudanças que estavam ocorrendo eram indispensáveis para a subsistência dos homens e deveriam acontecer, pois eles necessitavam de conhecimento, de experiência para a “nova” forma de vida que estava sendo construída pelo comércio. Portanto, agir sobre a natureza não era um pecado, era uma necessidade.

Ao compararmos os dois romances, *Tristão e Isolda* e *Tirant lo Blanc*, percebemos que o cavaleiro do século XV refletia um outro mundo, com preocupações que visavam a interesses divergentes do cavaleiro do século XII. Ambos eram homens que se destacavam perante a sociedade, pois tinham

uma educação que os diferenciava dos demais, porém o cavaleiro do século XII era um indivíduo que não ousava expor seus sentimentos, sem antes ter o consentimento do seu Senhor, enquanto o cavaleiro do século XV expressava claramente sentimentos que estavam emergindo na sociedade como a ambição, a razão, a segurança, a ousadia e a sabedoria, que, na obra de Joanot Martorell, são representados pelo personagem Tirant lo Blanc.

No século XV, os indivíduos já possuíam um outro comportamento, devido a uma certa segurança adquirida pelas suas ações sobre a natureza, ou seja, o princípio de uma desmistificação sobre o que era considerado enigma.

A novela de cavalaria de Joanot Martorell, *Tirant lo Blanc*, foi escrita no século XV, período em que a sociedade moderna estava lutando para se estabelecer. Os homens buscavam grandes descobertas. Desbravavam os mares, questionavam as Sagradas Escrituras e não se intimidavam diante das transformações da natureza, pois nesse momento as necessidades de sobrevivência estavam voltadas para o descobrimento, o conhecimento das coisas ainda não exploradas e explicadas.

Tirant lo Blanc é uma das obras do século XV que traduz o comportamento dos homens num período de transição. Joanot Martorell, por ter vivido em dois mundos simultaneamente (feudal e moderno), pôde refletir as indecisões de sentimentos e de comportamentos que estavam sendo incorporados à sociedade da época.

O cavaleiro do século XV, que já mostrava sinais de decadência, ilustra o romance, através do personagem Tirant lo Blanc com segurança, desejando mostrar ao seu séquito como deveria portar-se um homem, considerado até então “modelo” para a sociedade.

No entanto, o seu comportamento, muitas vezes, navega entre um mundo e outro, ora afirmando uma postura de cavaleiro feudal, ora um cavaleiro moderno, com um vocabulário mais ousado e com sentimentos relacionados ao “novo” mundo.

O personagem principal da obra *Tirant lo Blanc* retrata esse novo procedimento. Ele era um cavaleiro, seguro de suas ações, um homem que dominava e não se deixava dominar. O autor atribui a esse cavaleiro todas as qualidades cabíveis a um ser humano, ou seja, transforma-o num super-herói, porém um super-herói mortal quanto qualquer homem comum.

Martorell viveu e escreveu esse romance num momento de transição. Dessa forma, ao lermos sua novela é perceptível, através dos personagens, a sua

indecisão em assumir alguns comportamentos presentes na sua época.

Ao comentar a obra de Martorell, Mário Vargas Lhosa⁴ observa que *Tirant lo Blanc* é uma obra autêntica, mostra nitidamente os dois mundos, feudal e moderno, vividos por um cavaleiro que se empenha em emaranhar os sentimentos do passado com os do presente.

[...] Martorell está como que a cavalo entre dois mundos, e que estes, em seu romance, coexistem e se fundem. De fato: o Tirant lo Blanc, além de outras coisas, estende uma ponte entre a visão naïve da tradição medieval arturiana e o realismo irônico renascentista de Cervantes. O idealismo heróico e as irrealidades do amor côrtes estão ainda presentes no Tirant lo Blanc, relativizados, porém, pelos lampejos de humor e humanizados pela sensualidade e o amor carnal (Martorell, 1998, p. XLIX).

Como observou Lhosa, o romance de Martorell representa os dois períodos incorporados nos seus personagens eloqüentes que expressam, pelas palavras, a fantasia da Idade Média e a realidade da Modernidade.

Concordamos inteiramente com as palavras de Lhosa e salientamos que Martorell procura resgatar, no cavaleiro do século XV, sentimentos e comportamentos que estavam sendo esquecidos pela sociedade como a fidelidade, o amor, a fé e o heroísmo. Para isso, o autor faz seus personagens discutirem sobre vários assuntos e questões, tanto presentes no seu momento quanto alguns que já estavam caindo no esquecimento dos homens. “Mui necessário e conveniente aos homens generosos e de linhagem, se querem ser estimados, é saber o que é honra, pois a maior parte dos homens de bom sentimento tem natural propensão por ela e a busca: se a desconhece e não sabe como se veste, jamais poderá alcançá-la” (Martorell, 1998:421).

A honra era uma das virtudes que deveria sempre fazer parte da nobreza, mas diante de tantas modificações sociais e de tantos outros sentimentos que estavam se incorporando na sociedade, o papel do nobre já não era o mesmo de outrora.

O cavaleiro do século XV, ao mesmo tempo que vive suas aventuras com audácia, sentimento este que representava o mundo feudal, onde os homens lutavam sem temer e sem pensar nas conseqüências, vive a sabedoria, que representava o mundo moderno, onde o homem precisava refletir para agir, ou seja, precisava pensar sobre suas ações, a fim de tentar suprir suas necessidades.

[...] Quando as duas virtudes se completam em um cavaleiro, qualquer que ele seja, a ele caberão os supremos domínios e dignidade do mundo. Em razão disso, declaramos e sentenciamos que a imperatriz, que defende a audácia, sinta-se doravante obrigada a falar bem da sabedoria. Ordenamos-lhe ainda que, em qualquer parte onde esteja presente se faça referência à audácia e à sabedoria, dê primazia à sabedoria, pois esta efetivamente a tem, e que o faça de boa mente, sem rancor nem má vontade (Martorell, 1998:403).

O autor, apesar de querer resgatar os sentimentos que os homens estavam abandonando, em muitos capítulos acaba assimilando os comportamentos que a sociedade estava assumindo como conduta moral. Portanto, pode-se dizer que esta confusão de sentimentos expressa as incertezas vividas pelos homens num período de transição

Desse modo, a nosso ver, Martorell criou um personagem que traduz o modelo de comportamento social que poderia ser seguido pelo cavaleiro, mas que, naquele momento, já não era oportuno à educação daquela sociedade. O homem buscava outra forma de ver a realidade que já não estava fundamentalmente inserida na guerra e na proteção, como no período feudal, mas no comércio, no trabalho, nas navegações, pois estas atividades despertaram, nos homens, novas necessidades para o seu dia-a-dia.

Resultados

Todas as leituras e análises que realizamos favoreceram o entendimento sobre as questões que levaram os cavaleiros a sofrer grandes transformações educacionais, chegando a uma decadência.

Analisando as causas que levaram esses homens, considerados pela sociedade “modelo” de educação, a uma transformação de comportamentos, verificamos que características que valorizavam o cavaleiro no século XII como a honra, a audácia, a virtude e o heroísmo não eram mais as mesmas que o definiam no século XV. A figura do cavaleiro permanecia na sociedade como algo que representava o mundo medieval, todavia com diferentes características que já o identificavam com a “nova” sociedade do mundo Moderno.

O renascimento das cidades e do comércio favoreceram o surgimento de valores que permearam o convívio social, o portar-se à mesa, o vestir-se adequadamente, o administrar de riquezas e outros comportamentos que fossem necessários para a convivência diária.

⁴ Mário Vargas Lhosa, peruano, nascido em Arequipa, é considerado um dos principais escritores da atualidade. Escreveu o prólogo da obra *Tirant lo Blanc*.

O mundo que estava se instaurando não necessitava mais de um homem audacioso como o cavaleiro do século XII, mas de um homem que buscava-se uma reflexão das suas ações, uma vez que a sociedade precisava suprir outras necessidades relacionadas com o comércio⁵.

Todo esse movimento que durou séculos na história, revolucionou a forma de vida dos indivíduos, levando-os, conseqüentemente, a assumir uma diferente maneira de alcançar seus objetivos e saciar suas carências.

Conforme surgem as questões do seu momento, sejam elas sociais, econômicas, políticas ou educacionais, os homens vão procurando adequá-las à nova organização e tentando resolvê-las.

Desse modo, o cavaleiro do século XII, adaptado a uma forma de vida, foi levado a ir, aos poucos, modificando seu comportamento devido a outras características sociais implantadas com o comércio. Esse quadro o fez chegar ao século XV com o pensamento voltado às necessidades do seu período, que visava ao luxo e ao ouro e não mais à coragem, ao heroísmo.

Ao chegar ao século XV, a palavra cavaleiro permanece, mas o sentido geral e profundo deste personagem social se altera radicalmente. No referido século, o cavaleiro que, em séculos passados, era um modelo de educação e fidelidade e cumpria sua função como protetor da sociedade já era dispensável, pois o “novo” mundo aspirava a uma sociedade dinâmica, que visava à descoberta, ao comércio, à riqueza e não mais à proteção e à audácia do homem do século XII

Discussão

Pudemos verificar, através da nossa pesquisa, que o homem é um ser histórico, ou seja, suas carências são o reflexo de sua própria organização social que, quando supridas, por conseqüência, dão origem a outras necessidades.

Portanto, podemos dizer que cada acontecimento da história foi e é necessário para o desenvolvimento humano e para a organização social.

Dessa forma, ao compararmos o século XII ao século XV, estamos tentando analisar as diferenças educacionais que existiram entre um período e outro, mostrando que ambas foram necessárias para a época, pois foi através das questões produzidas pelo próprio homem que se deu o desenvolvimento para

a formação de uma sociedade com comportamentos distintos do mundo medieval.

Assim, a nosso ver, o renascimento do comércio foi um dos principais acontecimentos que propiciou as bases para a constituição do mundo Moderno, pois a necessidade da observação da natureza e de novos conhecimentos permitiu ao homem inventar alguns instrumentos imprescindíveis ao seu cotidiano e que foram fundamentais para grandes descobertas e experiências.

O novo modo de os homens produzirem a sua vida, como vimos, fez da ampliação do comércio uma sua necessidade. A este novo modo dos homens se relacionarem entre si correspondeu, por sua vez, uma nova forma de eles se relacionarem com a natureza. Na linguagem da época, séculos XV e XVI, esta rearrumação da natureza, esta nova maneira de os homens utilizarem as coisas, recebeu a denominação de “experiência” (Figueira, 1995:40-41)

O mundo passou a ser visto sem a imaginação medieval, pois os indivíduos precisavam de um nova realidade, não podiam mais fantasiar as coisas que não conheciam, era necessário, no momento, observá-las, tocá-las e entendê-las a fim de transformá-las para saciar suas necessidades.

A “experiência” constitui a característica essencial dos tempos modernos precisamente porque ela é a lança com a qual uma nova classe – a burguesia – fustiga o velho poder do mundo feudal, o qual, por sua vez, se sustenta no dogma.

Por conseguinte, a luta que caracteriza estes novos tempos, a luta que se configura no debate entre o dogma e a experiência, expressa uma nova forma de ser dos homens (Figueira, 1995:41)

Esse período de transição, onde a “velha ordem” lutava pela sobrevivência enquanto a outra forma de vida manifestava força e perseverança, está explícito na novela de Joanot Martorell. Nela ocorre uma mistura de sentimentos indefinidos, vagando entre um mundo e outro, Feudal e Moderno, porém já mostrando o enraizamento de sentimentos diferentes da outra época, mas necessários à organização social do momento, o século XV.

Nesse sentido, observamos que as mudanças sociais, políticas, educacionais e econômicas provêm das dificuldades provocadas pelos próprios homens na tentativa de se organizar e buscar soluções para o cotidiano do seu momento.

Referências

- BÉDIER, J. *Tristão e Isolda*. 5. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- BRAUDEL, F. *Civilização material e capitalismo*. Lisboa – Rio de Janeiro: Edições Cosmos, 1970.

⁵ A grande obra de Fernand Braudel (1970), *Civilização material e capitalismo*, também analisa as mudanças ocorridas no cotidiano dos homens com o renascimento do comércio. Essa discussão abrange o campo econômico, educacional e político, visa às necessidades exigidas pelos indivíduos, desde os vestuários até as grandes cidades.

- DUBY, G. *A sociedade cavaleiresca*. São Paulo. Martins Fontes, 1989.
- DUBY, G. Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo. Rio de Janeiro: Graal, 1995.
- FIGUEIRA, F. G. Reflexões sobre a História. *Intermeio*, Campo Grande, n.1, p.37-43, 1995.
- GUIZOT, F. *História da civilização na Europa*. Lisboa: Parceria Antonio Maria, 2.v, 1907.
- MARTORELL, J. *Tirant lo Blanc*. São Paulo: Editora Giordano Bruno. 1998.
- OCKHAM, W. *Prova da existência de Deus*. São Paulo: Abril, 1974 (Os Pensadores).
- OCKHAM, W. *Lógica dos termos*. Porto Alegre. Edipucrs: 1998.
- PIRENNE, H. *História econômica e social da Idade Média*. São Paulo: Jou, 1973.

Received on December 06, 2001.

Accepted on January 10, 2002.